

NÃO HÁ CASTIGO MAIOR DO QUE UM
AMOR QUE DURE PARA SEMPRE



MARCO SEVERO

não há castigo maior do que um
amor que dure para sempre





*Todo amor é eterno e, se acaba, não era amor.
Alguém dirá que A vida como ela é... insiste na tristeza e
na abjeção. Talvez, e daí? O homem é triste e repito: triste do
berço ao túmulo, triste da primeira à última lágrima. Nada
soa mais falso do que a alegria. Rir num mundo miserável
como o nosso é o mesmo que, em pleno velório, acender o
cigarro na chama de um círio. Que importa tudo o mais, se a
morte nos espera em qualquer esquina? Convém não esquecer
que o homem é, ao mesmo tempo, seu próprio cadáver. Hora
após hora, dia após dia, ele amadurece para morrer. Sim, o
homem é sórdido porque morre. No seu ressentimento contra
a morte, faz a própria vida com excremento e sangue.*

Nelson Rodrigues





Sumário

A última pá	11
Nós	17
O primeiro a pular	22
Submersa	34
Na carne	38
As noites que a noite tem	43
Atenta ao futuro	49
Formas de afeto	56
Pelé	64
O que se sabe do amor	68
Do jeito que deveria ser	83
O último mugido	86
Tia Dalva	91
Travessia no barco de caronte	98
Futuro do pretérito	102
O sentimento dos outros	109
Guardo numa caixa meu mais precioso cristal	118
Militância	123
Preconceito linguístico	133
Os companheiros	138
Nem toda descoberta é tesouro em abundância	142



A última pá

Eram ainda tão pequenos que ninguém saberia explicar como os deixaram ir sozinhos para o açude com Claudio. Talvez porque fosse o irmão mais velho, distante sete anos da irmã do meio, Laura, e oito do caçula, Diogo. Ignoraram completamente seu histórico de constante desatenção e sua voz baixa, quase como se só conversasse consigo próprio, por dentro.

Não vinha agindo assim de agora. Claudio perdia cadernos e agendas na escola, esquecia onde deixava as coisas, não se importava com suas obrigações imediatas, como escovar os dentes ou tomar banho. Olhando em retrospecto, ninguém entenderia. Seu tom de voz ameno passava a ideia de calma, talvez? Ou porque era desatento, mas não desobediente, pensaram. A mãe havia dito, Só no raso. Mais de uma vez, até. Mas quando ele vira, os irmãos já estavam longe. Laura havia feito um furo grande na tampa vermelha de um vidro de Nescafé e colocado farinha dentro. Seus tios haviam lhe dito que era certo: bastava segurar o vidro com firmeza sob a água, e numa questão de segundos dezenas de piabas entrariam no vidro em busca da farinha e não conseguiriam mais sair. Aí você traz as piabas que a gente torra aqui na brasa e come. Laura fez uma careta. Não conseguia se imaginar comendo aqueles peixinhos minúsculos. Ainda mais se ela os tivesse visto se debatendo pela vida minutos antes. Ainda não sabia, mas essa ojeriza faria com que ela buscasse uma conscientização e se tornasse vegetariana na vida adulta.

Não deu outra: as piabas entraram com tanta violência que ela quase deixou o vidro cair dentro da água, mas quando o ergueu no ar, percebeu que eram tantas que quase não cabiam dentro do recipiente. Os minúsculos peixes se debatiam com força, brilhando prateados ao sol de julho, mas perdiam intensidade a cada minuto, até ficarem só num abrir e fechar de boca, gastando o que quer que ainda tivessem de energia em seus corpos, até finalmente ficarem apenas empilhados uns sobre os outros dentro do vidro, mortos.

Com medo dos pequenos peixes, Diogo havia ido nadar longe dali. Quando Laura se apercebeu, já estava quase de volta à beira do açude, viera caminhando de costas na pescaria sem se dar conta, os pés agora mal cobertos pela água, enfiados na lama preta e viscosa. Sentiu o irmão mais velho se aproximar dela, envolvê-la com um dos braços e instá-la a sair dali. Venha, Laura, venha. Não quero você aqui, disse. Andaram alguns metros, na curva do açude. Laura pareceu se dar conta pela primeira vez que havia um som de desespero no ar que ela não conseguia identificar e que por muitos anos não associaria aos pedidos de socorro do irmão. Somente na terapia, já adulta, entenderia isso. Ali, ela era apenas uma menina pequena obedecendo ao irmão mais velho, que a havia deixado num canto e dito a ela que não se mexesse nem falasse com estranhos, que voltaria dali a alguns minutos.

E não descumpriu sua promessa. Cadê o Diogo?, ela quis saber assim que o viu sozinho. Nosso irmão teve que ficar, ele disse. Por que?, insistiu. Porque ele quis, Laurinha. Sendo assim, eu também quero. Claudio jamais saberia como, diante daquela situação, ainda conseguia distrair a menina. E quem vai entregar as piabas para os

tios assar? Não foi você que prometeu? Ah é, foi mesmo, disse por fim, resignada. Caminharam dentro de seus silêncios. Quando avistaram de longe a casa, Claudio disse, Eu preciso que você entre e vá direto para o seu quarto. Não me faça perguntas agora, Laura. – pela primeira vez, ela intuía algo diferente na voz do irmão.

Claudio chegou ao quintal, onde os tios faziam um churrasco que costumava reunir boa parte da família aos domingos. A mãe apressou o passo em sua direção, havia nela um antepassado de premonição que ecoava até os dias de hoje. Onde está o Diogo?, perguntou, os olhos sem mais lhe caber na cara. Minha mãe... – começou novamente menino Claudio. Foi suficiente.

As buscas por Diogo não admitiam encontrar um corpo. Não na frente da mãe das três crianças, Janete. Vou encontrar meu filho vivo, disse ela, porque às boas mães parece ser dado um elemento para além da esperança. Mesmo juntos, porém, não são capazes de ultrapassar a realidade. Por isso a dor do encontro do menino, que era agora sim apenas o corpo. O menino tinha ido embora.



Dentro de casa, somente Claudio parecia saber o que havia de fato acontecido. Nunca pensara em se tornar homem aos dezesseis anos, mas envelhecera, por dentro e por fora, até uma maturidade que ainda demoraria a chegar, não fosse a perda. Janete e Leônidas viveram muitos dias de choro. Quando membros da família quiseram culpabilizar Claudio, os churrascos aos domingos acabaram: havia sido uma fatalidade, a família prosseguiria com os quatro que ficaram e a lembrança do quinto que se foi. E

viver com uma lembrança já lhes parecia dor o suficiente para suportar. Uma lembrança não faz aniversário, uma lembrança não reclama de dor, não agradece, não cresce.

Laura cresceu vendo a mãe sempre se referir ao passado, mesmo quando Diogo não estava lá. Tudo parecia remeter a um tempo em que ele estivesse vivo. À medida que os anos iam passando e Laura ia se deslocando dos acontecimentos de infância, o sentimento de confusão em relação ao que de fato ocorrera ia se instalando dentro dela. Quando perguntou aos pais o que acontecera com o irmão, primeiro eles certificaram-se do que ela lembrava. Vieram à mente a pescaria, a companhia dos irmãos, o açude – e mais nada. Diante disso, seu pai apenas disse, Filha, basta você saber que seu irmão não está mais aqui.

Mas não bastava. A tentativa dos pais de evitar nela a propagação de uma tristeza, tentando apagar esse irmão de sua memória, culminou com um caos que nunca a abandonava. Sentia-se culpada pela morte desse irmão, rejeitada pela família, que sequer dera a ela o direito de ir ao enterro, ignorada pelo irmão mais velho, que também nada lhe dizia.

Quando saía da adolescência, passou a sonhar com o irmão morto. De repente, o menino apagado passou a ser uma presença vívida. Lembrava-se dele com clareza. De detalhes do seu rosto, de seu olhar, de suas mãos, o tom e a cor de sua voz – estava tudo talhado à mão dentro dela, numa xilogravura que ela poderia detalhar com precisão.



Veio então o susto: o irmão afogado estava vivo. Num corpo anos mais velho, mas ali estava ele, diante dela, e aquilo não poderia ser. Abordou o garoto na empresa

assim que o viu, dando-lhe um abraço como se fosse no próprio Diogo, redivivo. Perguntou-lhe seu nome. É Rafael, ele disse, por um instante parado para atender àquela moça de crachá, o que significava que não era uma louca qualquer – era uma louca que trabalhava ali, como ele. Vai saber que cargo ela ocupava? E qual a sua idade? Dezenove, respondeu. Não, não era o irmão, lhe dizia o chamado à razão. Mas era tão parecido. Tão absurdamente parecido.

Começaram a se esbarrar mais vezes, inclusive no refeitório da empresa. Laura adotou sua amizade, apesar dos onze anos que os separavam. Via no jovem Rafael um desejo imenso de crescer, de conhecer lugares e pessoas novas, tudo que nela tambémurgia em necessidade. Tornaram-se tão próximos que os amigos em comum, e que conheciam a história de Laura, achavam que eles só não namoravam porque ela via nele muito claramente o seu irmão falecido, numa versão mais velha. Laura nunca soube precisar, nem se importava, porque Rafael era família: estava traçado o seu limite. Janete e Leônidas o adoravam, e tê-lo por perto dava a eles, se não a sensação de estar com o terceiro filho, ao menos a alegria de ter por alguns instantes a quinta pessoa daquela família, ainda mais um que estava traçado em sua fisionomia, como ele mesmo pôde comprovar quando pediu para ver uma foto do menino afogado, depois de quase um ano refletindo sobre as consequências desse gesto, que não existiram, não da maneira como ele achava que poderiam existir. Para Rafael, a coincidência se tornara uma dádiva, que ele aproveitava da melhor maneira a cada instante que vivia perto de Laura e de seus familiares.



Foi no mesmo dia que Laura voltou de férias que Rafael morreu. Estava em seu quarto, desfazendo as malas, quando seu telefone tocou em meio à pilha de roupas e lembrancinhas que trouxera da Espanha. Ouviu sem dizer uma só palavra.

Carro. Assalto. Reagiu. Tiro. Cabeça. Antes mesmo de chegar ao hospital.

E o enterro, vai ser quando?, quis saber, ansiosa. Amanhã, lhe disse a mulher que ligara para dar a notícia, e que também informou o horário e o local.

Foi ao shopping, comprou o melhor vestido preto, um chapéu e luvas também pretos. No dia seguinte, estava no cemitério antes mesmo dos pais de Rafael, inconsolável. Quando seus pais chegaram, também chorando muito, abraçaram-se. Laura pegou o telefone e ligou para Claudio. Cadê você? Estou chegando, Laura. Ela fizera questão que todos estivessem reunidos.

Depois de uma breve cerimônia, o corpo de Rafael foi enterrado, sob aplausos, pétalas de rosas e todos os artifícios que o dinheiro poderia pagar para essa ocasião. De onde estava, Laura soltou um beijo, deu as costas e se dirigiu ao seu carro.

Havia, enfim, enterrado o seu irmão.

Nós

A senhora dizendo isso eu fico mais despreocupada. Pensei que ia morrer mofada ou coberta de teia de aranha. A mulher olhou para a jovem sentada à sua frente e disse, Confie em mim, minha fia. O homi que é teu tá guardado e bem guardado. Isquece o que a macumbeira disse pa ocê. Sabe quem é que tá aqui com a gente na sessão? Não. Quem?, perguntou a jovem, com uma vozinha baixa que não conseguia omitir a curiosidade. É a Nossa Senhora Desatadora dos Nós. Ela é valente e é guerrêra. Ocê vai incontrá um homi muito bonito, tão bonito que é beleza pa dois. Pero meno é isso que eu inxergo aqui e eu num erro! Vai sê numa festa. Festona grande, com muita gente. A voz da mulher fazia a jovem se recolher um pouco mais no encosto da cadeira. Pois tá bom, então. Aqui está o que combinamos. Obrigada.

Saiu da casa da vidente com uma alegria incontida. Para ela não era sacrifício nenhum ir aos clubes nas festas da cidade, fosse onde fosse. E aquele era um povo que gostava de comemorar. Dia santo, páscoa, período junino, tudo era motivo pra contratar uma banda e abrir os clubes. Acontece que isso era o que ela fizera a vida inteira e nada. Por que seria diferente agora? Bom, o negócio era confiar nas palavras da Mãe Jussara.

Sábado seguinte, ela estava lá, vestida de esperança. A noite começou meio sem graça, mas pouco depois da meia-noite a coisa começou a esquentar e as palavras de Mãe Jussara se cumpriram. Waldir, o nome dele. Com W, ele fez questão de assinalar, assim que se cumprimentaram gritando um no ouvido do outro por conta do baru-

lho que a banda fazia. E o seu, qual é? Fran, ela disse, e se calou. Nunca dizia seu nome todo, morria de vergonha. Eu mandei seu pai registrar Francisca, minha filha, não tenho culpa dele gostar tanto de filme de terror. Não que ela achasse Francisca um nome lindo, mas qualquer coisa era melhor do que Frankivânia, homenagem do seu pai ao monstro criado por Frankenstein e a Transilvânia, morada do Drácula. Pena que ele tinha morrido quando ela tinha cinco anos, porque se tinha uma coisa da qual ela se ressentia era de nunca poder ter dito a ele o que pensava sobre aquela bestialidade de nome que ele colocou nela. Esse povo não pensa antes de dar nome aos filhos não?, sempre comentava com as amigas quando o assunto *nomes de filhos* aparecia na conversa, geralmente motivado pela pergunta que ouviu a vida inteira: De onde sua mãe tirou esse nome tão diferente? E ainda tinha isso de culparem a mãe, que merda de sociedade.

Waldir puxou Fran pela mão e saíram do barulho. Ele havia concluído que ela beijava bem, valia a pena investir.

No dia seguinte, Fran contou para a melhor amiga, Ingrid, sobre o homem que havia conhecido na festa. Deu todos os detalhes que sabia, nome, aparência, profissão. A amiga ficou olhando para Fran sem jeito. O que foi?, perguntou ela, ressabiada. Eu conheço o Waldir, disse ela. Ele é algum ex seu? Deus me livre namorar aquele cretino, soltou sem pensar. Fran se contorceu. O que ele tem de errado?, quis saber. Fran, Waldir se intitula “o maior comedor de xoxota” que já pisou nessa terra. Se você quiser ir adiante, é por conta e risco. Não venha chorar as pitangas depois.

Fran achou que a amiga estava sendo invejosa e que, talvez, estivesse escondendo alguma coisa. E daí se ele era experiente? No momento que quisesse ficar com ela,

seria só dela e pronto. E foi o que ele disse que ia fazer. Escuta, Fran, conhece aquela música do Fábio Jr que diz que quando homem e mulher se tocam no olhar não há força que os separe? Foi o que aconteceu com a gente. Sou um homem de vinte e oito anos, está na hora de me aquietar. Há uma estação onde o trem tem que parar, minha Fran. Tô te esperando pra poder seguir, sem limites pra sonhar. Pois é só assim que se pode inventar o amor. Bonito isso, né? Tirando a parte do seu nome, está tudo lá, na letra cantada pelo grande Fábio. E eu quero você comigo. Quero inscrever seu nome na letra da música.

Frankivânia nem acreditava naquilo. Porra de macumbeira dos infernos que havia dito que com aquele nome, carregado de energia ruim, ela ia morrer no caritó. Morrer onde?, havia perguntado. Sozinha, querida. Você vai ser chamada de tia até por quem não for seu sobrinho, vai virar uma solteirona. Fran saíra de lá correndo, aos prantos. Ainda bem que ela teve a atitude de olhar para aquele panfleto pregado no poste enquanto esperava o ônibus e, mais do que isso, fez consigo mesma a caridade de anotar discretamente o telefone da mulher no celular. Já no dia seguinte, procurara Mãe Jussara. Foi a injeção de ânimo que ela precisava, disse a si mesma enquanto olhava para a foto de Waldir no Whatsapp. Que homem lindo, meu Deus, dizia-se todos os dias.

Apaixonados, faziam planos juntos de viajar para conhecer vários lugares do mundo, do nome do primeiro filho, de como estaria a igreja no dia do casamento. Não havia futuro que os impedisse de sonhar, nem mesmo o futuro contracheque de Waldir como contador de um pequeno escritório de advocacia, e nem a ausência de um, que era o caso de Fran, que fazia lembrancinhas para fes-

tas infantis. Se queriam mesmo se casar, a ideia era juntar dinheiro.

Um ano e meio depois, com a ajuda de familiares e amigos, conseguiram. Com o dinheiro arrecadado, contrataram fotógrafos, um buffet para recepcionar uns poucos convidados, um dia de noiva numa clínica de beleza, lua-de-mel em Paraty, cinco diárias num hotel de alto padrão e um motorista para levá-los num passeio pelo Rio de Janeiro.

No dia do casamento, Fran já tremia só de imaginar ouvir alguém não se aguentar e gargalhar na hora que o padre perguntasse se Frankivânia Oliveira queria casar com Waldir Soares Pinto. Nem lembrava há quantos anos não ouvia alguém lhe chamar por algo mais do que Fran, talvez a última vez tenha sido ainda no colégio, quando ela rolou no chão com uma menina que resolvera tirar o recreio para encher o saco. O que importava, no entanto, era o aqui e o agora. Quando o padre dissesse seu nome para toda a igreja ouvir, sabia que finalmente se livraria da maldição do seu nome e seria feliz com o homem que escolheu para compartilhar a vida. Queria o lugar lotado, mesmo que nem todos tivessem sido convidados para o buffet, porque, segundo os noivos, escolheram um lugar pequeno demais para comportar todo mundo que iria para o casamento na igreja. Um erro que prometiam reparar depois, disseram em mensagens enviadas para o celular de todos.

Aparentemente não houve ressentimentos, porque todos os bancos estavam repletos. Meia hora depois do horário marcado, o calor tornando os ternos e vestidos cada vez mais pesados, e nada da cerimônia começar. Do lado de fora, Fran chegava de carro, com uma beleza que só fazia jus aos sonhos que carregava dentro de si. Wal-

dir ainda não chegou, disseram para ela. Sem demonstrar um segundo de abalo, ela pediu emprestado o celular de um dos convidados, que havia saído um instante para tomar ar. O telefone de Waldir tocou, tocou, tocou, até que se fez ouvir a voz da mulher dizendo para ela deixar uma mensagem após o sinal, mensagem essa que seria cobrada pela operadora. Ainda assim, ela não quis acreditar. Refez a ligação. Nada. Olhou para o céu com tantas estrelas, mas não as viu, olhou de relance para as pessoas sentadas à sua espera. Sua respiração começou a ficar curta, um nó na garganta ameaçou fazê-la chorar. Quando solução nenhuma parecia possível, um carro encostou na lateral do templo onde minutos atrás ela estava prestes a se tornar esposa, enfim. O vidro do carro baixou lentamente, e o sorriso que Frankivânia abriu jamais poderia ter sido dado por nenhuma das criaturas que inspiraram seu nome.

Postagem no Facebook compartilhada dias depois:



Walmor Soares Pinto

5 de Abril às 23:43



Sei o quanto todos ainda estão abalados com a súbita decisão do meu irmão gêmeo, Waldir, em não mais se casar. Muitos me perguntam onde ele está e a resposta é: eu honestamente não sei. Espero que ele entre em contato em breve. O motivo da minha postagem, no entanto, é saber se vocês conhecem alguém que vá se casar até dezembro. Em nome da ex-noiva dele, estou com alguns contratos válidos até o fim do ano para vender, que são:

- Lua-de-mel em Paraty
- Cinco diárias num hotel 5 estrelas
- Motorista para passeio pelo Rio de Janeiro.

Interessad@s, por favor tratar inbox.